

Entre paisagens, a construção da poética

Between landscapes, the construction of poetics

Jovani Dala Bernardina¹ (LEENA/PPGA-UFES)

Hugo Bernardino² (LEENA)

Resumo: Neste ensaio, apresentamos alguns aspectos da paisagem observados pelo artista visual Hugo Bernardino, durante seus deslocamentos realizados entre o mar e as montanhas capixabas, com o intuito de gerar arcabouço visual/físico/memorial, e por conseguinte, propiciar-se diversos estudos para o seu desenvolvimento técnico e poético. Considera-se que a apreensão dessas paisagens influencia seu imaginário, assim como seu respectivo processo criativo.

Palavras-chave: paisagem, montanhas capixabas, pintura, imaginário.

Abstract: *In this essay, we present some aspects of the landscape observed by the visual artist, Hugo Bernardino, during his journeys between the sea and the mountains of Espírito Santo, with the aim of generating a visual/physical/memorial framework, and therefore, providing several studies for its technical and poetic development. It is considered that the apprehension of these landscapes influences their imagination, as well as their respective creative process.*

Keywords: *landscape, Espírito Santo mountains, painting, imaginary.*

<https://doi.org/10.47456/col.v14i23.44471>

¹ Artista Visual, Policial Militar da Reserva, Investigador de Polícia Civil Aposentada, Bacharel de Artes Plásticas (UFES), e Licenciada em Artes Visuais (UNIasselvi). Experiência em Artes, atuando nos campos: Gravura e Pintura. Mestranda em Artes no PPGA/UFES, Bolsista CAPES. Pesquisadora nos grupos: Estudos da paisagem e no LEENA/PPGA/UFES. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5038-5672>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1003388753252063>.

² Artista plástico pós-graduado pela Universidade Federal do Espírito Santo, atuou no LDI como ilustrador. Desenvolveu dissertação sobre fundamentos de arte aplicados no campo de concept art para filmes de animação. ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7329-8118>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6934883105393112>.

“Eu sou eu e minha circunstância, e se não a salvo não me salvo eu”

Ortega y Gasset³

Ortega y Gasset, em “Meditações do Quixote” (2019) achava que a união do “eu” e a circunstância era indissolúvel, e que era impossível entender um sem o outro. Assim, em grande medida, o produto das nossas decisões é condicionado por nós e pelas nossas decisões, mas também pelas particularidades do momento e do lugar. Dessa forma, cremos que os seres humanos não podem ser isolados de suas circunstâncias, nem o sujeito do seu objeto, como na linguagem comum, para a qual a circunstância é o ambiente, o que está ao redor de algo. Ortega pretende nos mostrar uma nova noção de uma categoria fundamental do viver: há uma relação de interdependência entre sujeito e objeto, todo objeto demanda um sujeito e vice-versa.

Entendemos que as interações entre o indivíduo que vive em um determinado espaço sociocultural serão contaminadas e modificadas por ele, e por conseguinte, propiciaram as recepções/percepções específicas da paisagem por cada indivíduo, pois as interações entre o ser e o ambiente carregam o imaginário com emoções. O ser está contaminado com as sensações que a condição espaço-temporal por ele vivida lhe suscitam. Isso nos leva a crer que o imaginário do sujeito, suas ideias, suas ações e demais características estão amplamente configuradas pelo ambiente que o circunda, seu *Umwelt*⁴. Segundo Jacob von Uexküll, o “*Umwelt*” (ambiente entorno) seria uma redoma invisível que cerca os

³ ORTEGA y GASSET, José. *Meditações do Quixote*, Tradução Ronald Robson – Campinas, SP: Vide Editorial, 2019.

⁴ As possíveis traduções do conceito de *Umwelt* a que temos acesso são as seguintes: universo subjetivo, mundo subjetivo, universo particular, mundo-próprio. Mas, seja qual for a tradução, sempre se refere à forma como o ambiente é percebido por uma espécie animal, e não por apenas por um indivíduo.

seres vivos, desta forma, consideramos que o *Umwelt* seja os limites do ambiente físico-cultural imediato do próprio artista visual.

Levando em consideração o conceito proposto por Uexküll e tomando-se a liberdade de transferir suas ideias – formuladas no contexto da biologia –, podemos considerar que o ser humano que habita um determinado ambiente geográfico desenvolve-se como parte desse sistema maior, seja em termos físicos, mentais e, sobretudo, estéticos. Isso nos leva a acreditar que o imaginário do sujeito, suas ideias, suas ações e demais características estão fundamentadas no ambiente que habita. Devemos, ainda, considerar que esse habitar não se restringe a um pequeno espaço geográfico, mas sim a todo o espaço onde o indivíduo reside, vive e transita.

Assim, podemos entender que o indivíduo que vive em um determinado espaço sociocultural será contaminado e modificado por ele, pois as interações entre o ser e o ambiente carregam o imaginário com emoções, devido ao fato do ser estar contaminado com as sensações que a condição espaço-temporal por ele vivida lhe suscitam. Isso nos leva a crer que o imaginário do sujeito, suas ideias, suas ações e demais características estão amplamente configuradas pelo ambiente que o circunda, o que nos conduz ao princípio da topofilia (Tuan, 2012).

A topofilia não é restrita a paisagens naturais. Devemos incluir os locais que sofreram a intervenção humana: as paisagens construídas; cidades, vilas e comunidades, onde quer que existam pessoas vivendo-convivendo em sociedade, segundo Tuan, provavelmente o indivíduo será transformado pelo imaginário coletivo, na medida em que estes desenvolvem vínculos afetivos com os espaços urbanos que os cercam.

Cabe ressaltar que a topofilia pode não ser apenas uma experiência vivida por um sujeito, mas tem implicações sociais e culturais. A conexão emocional que as pessoas têm com os lugares pode contribuir para a

construção da identidade de uma comunidade ou sociedade, influenciando suas crenças, valores e comportamentos.

Se pensarmos que a poética do sujeito/artista visual, assim como a paisagem, não é estagnada, mas sim passível de variações e mudanças, quer sejam ocasionadas por fatores geológicos naturais ou ações humanas, podemos dizer que o processo de criação está sempre em construção. Como a experiência do sujeito-autor é acumulativa, os acréscimos experimentais oriundos das suas experimentações cotidianas com as artes visuais não nos permitem pensar na identidade do sujeito-autor como algo fixo e acabado, posto que: recebe a cada dia nova contaminação de seu *Umwelt*, que está em constante mudança. Assim, a identidade e a poética seriam algo mutável e maleável, uma vez que o indivíduo está em permanente mudança experimental e estética. Apresentamos, a seguir, alguns estudos e proposições de Hugo Bernardino.

Recebido em: 30 de abril de 2024.

Publicado em: 28 de junho de 2024.



Figura 1: Pedra Azul I, 2021, Hugo Bernardino. Técnica: pintura digital impressa em lona, dimensões: 20 x 20cm. Fonte: acervo do artista. Em primeiro plano, à direita, copa de árvore com sombras em verde escuro. No plano seguinte, mais distante e baixo, floresta com copas de árvores em tons de verde em menor saturação. Ao fundo, duas grandes pedras iluminadas pelo sol da tarde ou da manhã. No último plano, céu azul com nuvens brancas e cinza. As formas são construídas com pinceladas bem marcadas e sem separação de linhas entre suas partes.



Figura 2: Pedra Azul I, 2021, Hugo Bernardino. Técnica: pintura digital impressa em lona, dimensões: 20 x 20cm. Fonte: acervo do artista. Imagem similar a anterior, mas sob outro ângulo, com céu totalmente nublado e luz do sol, que incide sobre as grandes pedras, recortada em duas faixas alaranjadas



Figura 3: Pedra Azul I, 2021, Hugo Bernardino. Técnica: pintura digital impressa em lona, dimensões: 20 x 20cm. Fonte: acervo do artista. Imagem similar a primeira, mas em cena noturna, com tons de verde mais escuros e copas das de árvores marcadas pela luz da lua, que surge no canto superior esquerdo, acima da grande pedra.



Figura 4: Pedra Azul I, 2021, Hugo Bernardino. Técnica: pintura digital impressa em lona, dimensões: 20 x 20cm. Fonte: acervo do artista. Imagem similar as anteriores, mas em dia de céu azul, com nuvens brancas no horizonte, por detrás das grandes pedras.



Figura 5. Um lugar qualquer, 2021, Hugo Bernardino. Técnica: Óleo sobre madeira, dimensões: 20 x 30cm. Fonte: acervo do artista. Com formas definidas por pinceladas ainda maiores, há uma grande árvore, da qual vemos o tronco marcado por luz da direita para a esquerda, ligeiramente deslocada do centro da pintura para a esquerda, com galhos que indicam uma grande copa, mas tal copa não é mostrada na imagem. Na parte inferior, sugere-se um chão de terra vermelha. Ao fundo, horizonte com pinceladas de verde que apenas sugerem uma mata e o céu azul.



Figura 6. Entrada morro da pescaria., 2021, Hugo Bernardino. Técnica: Aquarela sobre papel de algodão, dimensões: 15 x 20 cm. Fonte: acervo do artista. Com cores dissolvidas, sem marcação de linhas e com evidência de textura de tecido, há formas em verde escuro na parte superior, que indicam mata, formas sombreadas na parte central, que indicam pedras, e sugestão de água na parte inferior direita.



Figura 6. Cachoeira Rota do Lagarto, 2021, Hugo Bernardino. Técnica: óleo sobre madeira, dimensões: 20 x 20 cm. Fonte: acervo do artista. Em pinceladas bem-marcadas em cores vivas, há o tronco fino de uma árvore à direita, logo atrás do que parece ser um recosto de banco de madeira. Ao fundo, sugestão de riacho, mata em vários tons de verde e céu azul.



Dimensões: 30 x 20cm. Fonte: acervo do artista. Dois troncos de árvores muito retos, lado a lado, no centro da tela, como duas faixas marrom. Aos pés dos troncos, emaranhado de folhas verdes escuras. O fundo é composto de tons terrosos avermelhados e a parte inferior da imagem por tons verdes em pinceladas entrelaçadas que sugerem grama.